

「 ficção 」

Leo
Ribeiro」

Todas as coisas da ilha deserta

Fui obrigada a aceitar a alcunha: grupo de risco. Vivi sozinha a quarentena, a oitentena e o tempo que veio após. Entre as paredes que eu, até então, pouco notava. E os móveis que me viam sair cedinho e só voltar tarde da noite. Eu escolhi a dedo toda a decoração de cada metro quadrado. Mas depois da primeira semana me perguntei, “um piano, por quê?”. Combinava bem com o estilo capitonê, só isso. Na segunda semana sem Lúcia e as outras, eu vi a poeira polvilhada na imponente tampa de laca preta. Fechei a varanda e as janelas para evitar mais sujeira.

No isolamento, continuei a tocar meus negócios da maneira que pude. Videoconferências com os clientes, com os meus colaboradores, com fornecedores. Me mantive produtiva via *Skype*, *Hangout*. De blusa básica, maquiagem leve, às vezes cara lavada. Para os *calls*, escolhia um ângulo bom do escritório, que, por sorte, não desfiz quando meu marido foi embora. Mas aos poucos as câmeras foram desligando; as pessoas preferiam assim. Passei a fazer o mesmo. E a repetir as roupas que usei no dia anterior. Tirei os brincos que pesavam nas orelhas. As safiras em forma de gotas foram para a caixa. No início, senti falta das Louis Vuitton, que não saíram mais do *closet*. A vida continuou e agora elas não acrescentavam nada a mim, nenhum elogio. Separadas por cor, ainda eram belíssimas, mesmo empilhadas, mas de que adiantava tê-las?

Nesse tempo, comecei a tomar banho dia sim, dia não. Depois, de dois em dois dias. A frequência de banhos foi naturalmente diminuindo, sem prejuízo do meu bem-estar. Como se o banho fosse outra das coisas que eu fazia mais pelos outros do que por mim mesma. Eu podia conviver com o cheiro da minha pele que, aliás, era neutro, pois eu não suava. E não tomar banho me isentou da obrigação chata e cansativa de trocar a roupa de cama, com todos os travesseiros e as almofadas decorativas. Eu já tinha de lidar com meu prato e os talheres que, após me servirem, já me davam nojo. Estavam engordurados e com aquelas raspas que rapidamente se encrostavam na porcelana, pareciam meu próprio vômito. Mas eu os lavava. Porém, a pia estava fadada a entupir, porque eu não queria encostar nos restos acumulados no ralo, os meus próprios restos.

Fiquei mais prática. Comia as refeições na embalagem, sentada no sofá. “Por que eu continuaria montando e desmontando uma mesa só para mim?” Jogo americano, *sousplat*, guardanapo de linho; o prazer de uma mesa posta está em ser recebido a ela. Ah, o sofá de couro em capitonê, cor de canela, muito bonito, mas desconfortável. A pouca espuma no encosto era dura, o assento, rígido, e as cavidades preenchidas com botões passaram a me dar gastura. A praticidade também incluía usar só camisola e substituir os sutiãs de bojo por um *top* preto de malha que, antes, só usava para o pilates; isso me poupava de sujar roupas. Tudo combinava com a questão do banho, que se tornou mais interessante quando fiquei quatro dias sem tomar. Um aroma exalava só de eu abrir levemente as pernas. Um cheiro bom subia e tomava o ar. Cheirava a minha calcinha todas as vezes que sentava na privada. Concentrado no forro, o cheiro parecia um tempero vindo de uma erva ou uma raiz aromatizada, exótica, de uma terra distante. A cada dia, aquele cheiro ficava mais intenso, mais extasiante. No sétimo dia, o suco seco e colado, como um filete de pasta branca impresso na calcinha, era um perfume após longa maceração. Um perfume daqueles que a gente inspira generosamente, porque será recompensado. É claro que eu já havia cheirado minha calcinha antes. Eventualmente, ao colocar a peça no cesto de roupa suja, num movimento impensado. Algo completamente diferente do hábito que adquiri. E foi essa fissura que me fez decidir: “vou tomar banho apenas aos sábados”. Então, acompanhava a maturação do meu cheiro, levando a calcinha ao nariz, como se o pano estivesse embebido em éter. Aspirava longamente, e ficava satisfeita porque eu estava viva

como nunca antes. E estar viva como nunca antes me faz me lembrar do gatinho que se escondeu embaixo do meu carro no início do ano. O bichano tinha olhos grandes e carentes enquanto se enroscava entre as minhas pernas. Senti pena, mas eu o deixei na rua. Não o adotei porque ele ia destruir os móveis.

Todos eles. Todos.

O capitonê...

O piano... ■

Leo Ribeiro é carioca, pós-graduada em Direito Tributário e aluna da pós-graduação Formação de Escritores – Ficção, do Instituto Vera Cruz.